

Mestrado em Sexologia: um passo a mais no ideal da interdisciplinaridade 1

(em memória de Jean-Claude Nahoum)

Araguari Chalar Silva¹

Passados seis anos de atividade da Pós-graduação lato sensu em Sexualidade Humana, a experiência adquirida e a graduação cada vez maior da equipe de professores, fizeram possível um olhar mais à distância: O sonho de um Mestrado em Sexologia poderia tomar forma.

Desde os tempos de criação da Comissão Nacional de Sexologia, em 1983 como parte da Febrasgo, a qualificação interdisciplinar era um desafio que se colocava. Com essa inspiração nasceu o CESEX, em Brasília, talvez o primeiro curso a tentar um mesmo modelo de formação em sexologia para médicos, psicólogos e educadores. É difícil estimar quantos profissionais passaram por esse modelo de curso ou mesmo pelos que se sucederam a partir de então, como os do Nudes, no Rio de Janeiro, do Instituto H. Ellis, em São Paulo, o Instituto Pomeroy, em Belo Horizonte, para citar apenas alguns exemplos. A estes se acrescentam mais tarde as atividades educacionais sustentadas nos muitos Congressos feitos ou inspirados pela Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana.

O ideal de interdisciplinaridade também bateu às portas da atividade clínica, visando essencialmente médicos e psicólogos, e motivando projetos ousados de atendimento à população. Ambulatórios desse gênero sur-

1. Doutor em Educação e PRDc em Sexualidade Humana pelo Institute for Advanced Study of Human Sexuality, San Francisco.

Coordenador do Curso de Mestrado em Sexologia da Universidade Gama Filho.

Recebido em 02.02.94

Aprovado em 09.03.94

giram em vários serviços de ginecologia, como atividades voluntárias e, no mais das vezes, sem continuidade.

Todos esses modelos, contudo, mantinham uma característica comum: estavam distanciados da graduação acadêmica formal, ou, quando muito, beiravam os chamados “cursos de extensão”, com peso reduzido no currículo profissional dos alunos.

Considerando o espaço acadêmico como um todo, em 1979 o curso de Psicologia da UGF instituiu uma Cadeira de Psicossociologia, outros, na área da Ginecologia (como na UFPR) ou da Psiquiatria (como na UFF e na UFBA) incluíram temas de sexologia, mas como parte de Cadeiras de Reprodução Humana ou Psicopatologia. A UFRJ foi mais além e recentemente incluiu uma disciplina de Sexualidade Humana como eletiva no Curso de Medicina.

A interdisciplinaridade, dessa forma, permanecia apenas nos cursos informais, até porque ultrapassar as fronteiras impostas as faculdades separadas é, certamente, um desafio maior do que os cursos de Graduação podem enfrentar.

O mesmo propósito de uma sexologia interdisciplinar, mas que pretendia se infiltrar na realidade acadêmica motivou um outro dos fundadores da Febrasgo e da Comissão Nacional de Sexologia. No Rio de Janeiro, Jean-Claude Nahoum, já Doutor em Medicina o Livre-Docente de Ginecologia, voltaria a ser aluno e depois de graduado em Filosofia quase concluiu o Mestrado em História. Mas o tempo dele esgotou-se antes.

Mesmo sem ele, ficou definida uma linha de ação: caminhar para o espaço acadêmico e torná-lo se possível. Converter o ideal da interdisciplinaridade num fato real, mas sempre com uma declaração explícita de que não se sabe tudo.

Da consciência geral (mas devidamente qualificada) da insuficiência desse “saber disciplinarizado” poderia surgir uma interdisciplinaridade verdadeira.

Essa linha de trabalho encontrou eco no Projeto do primeiro Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Sexualidade Humana, na UGF, ao qual Jean Claude prontamente se associou.

Unem-se agora as perspectivas abertas ao longo dessa história, e mais atrevidos do que nunca, iniciamos o salto maior. Em Dezembro de 1993, o Conselho de Ensino e Pesquisa da Universidade Gama Filho aprovou e encaminhou à CAPES (Ministério da Educação) o Projeto de Implantação do Mestrado em Sexologia, um Mestrado que é no mesmo tempo em Medicina, Psicologia e Educação, mas também não é Mestrado em nada disso. Na verdade, espelhando-se na história acadêmica de outros países, o novo Mestrado situa na estrutura acadêmica do Brasil uma área nova: a Sexologia. Sem vínculos diretos com as graduações de Medicina,

Psicologia ou Educação, o espaço entre essas áreas faz a definição dos limites.

Interdisciplinar por princípio, mas acadêmico por definição, o Projeto de Mestrado foi fundamentado na exposição de motivos que se segue:

JUSTIFICATIVA DO CURSO

1. A sexologia como área do saber

Como campo de estudos diferenciados, a sexologia é uma área relativamente nova do conhecimento. Nascida no século XIX, junto com a psicanálise e a psicologia experimental, a sexologia só ganhou a personalidade que tem hoje quando o estudo da sexualidade humana superou as barreiras do pudor acadêmico vitoriano e enfim a psicofisiologia do ciclo sexual foi reconhecida e descrita como um mecanismo especial.

Até então o fenômeno sexual ficava na órbita do “ato instintivo”, e as mudanças fisiológicas envolvidas se escondiam sob o manto do “aparelho reprodutor”.

No início deste século a supersimplificação que se fazia ao reduzir a sexualidade humana a um conjunto de instintos já era claramente apontada como manobra anticientífica que tentava ignorar a imensa variação socio-cultural envolvida nas tantas formas de contato sexual, nos vários tipos de casamento, nos direitos sexuais e na própria definição do que é ser “homem” ou ser “mulher”. Ao mesmo tempo, a etologia e a antropologia questionaram o modelo único da sexualidade humana baseado em padrões europeus, afirmando a influência das condições socio-biológicas e econômico-educacionais na definição do indivíduo sexual.

O passo decisivo, entretanto, viria em meados do século XX, quando a pesquisa médica descreveu o ciclo sexual como um ciclo fisiológico especial, diferenciado e com características próprias. O estudo desse ciclo caracterizava o aspecto clínico da nova subdivisão da medicina, e surgia então a clínica das disfunções sexuais associada à consciência da especificidade de uma psicologia da sexualidade abrangente e integradora das diferentes escolas de pensamento, básica para a compreensão do desejo e do prazer associados ao ciclo fisiológico. Sexologia e reprodução humana, funções já separadas na prática erótica do dia a dia pelo uso dos anti-concepcionais, foram assim separadas como áreas de estudo.

Num outro enfoque, a questão sexual trazia a juventude como centro de interesse. Com a crescente complexidade social, a autonomia profissional e financeira dos jovens adultos foi sendo conquistada cada vez mais

tarde. O resultado imediato disso foi o aumento do intervalo entre a maturidade sexual, na puberdade, e a capacidade de auto-gestão social. O período chamado de “adolescência” alongou-se. Simultaneamente os avanços da medicina trouxeram contraceptivos mais eficazes, e a liberação de costumes resultou em maior flexibilidade quanto às interdições sexuais. Tudo isso somado, têm-se um processo de sexualização cada vez mais ativo da juventude. Programas de educação sexual, até então restritos a umas poucas escolas mais ousadas, passaram a ser necessários como forma de preparar os mais jovens para uma sexualidade a ser praticada num clima socialmente mais favorável.

Meio século se passou desde então e nesse tempo a sexologia se desenvolveu como espaço interdisciplinar. A fisiologia sexual, comum a todos os seres humanos ganhou definitivamente as cores da cultura e da moral de cada grupo. Esta compreensão bio-psico-social da expressão da sexualidade consubstanciou a nova disciplina acadêmica. Corriam pelo meio, nessa época, os anos sessenta.

O auto-didatismo havia sido até então a única alternativa para quem se interessasse por um estudo abrangente em sexologia, envolvendo conhecimentos de medicina, psicologia, etologia, antropologia e de educação, áreas ligadas de modo significativo ao fenômeno sexual. Por isso mesmo, profissionais de todos esses ramos foram tentados a se tornar sexólogos ao seu próprio modo.

Em tempos mais recentes, contudo, o nível de exigência para um profissional das áreas de saúde ou educação, que se possa considerar plenamente formado, não admite mais o autodidatismo. Como consequência há hoje mais de vinte cursos universitários, apenas nos Estados Unidos, que oferecem treinamento graduado em sexologia e educação sexual. Também nos países europeus, um número crescente de instituições tradicionais inclui programas específicos voltados para a sexualidade humana. Esta foi, afinal, a resposta acadêmica à necessidade social por especialistas habilitados para lidar com questões essencialmente interdisciplinares. Questões que se estendem, por exemplo, dos conflitos de casal relativos à sexualidade até a gravidez na adolescência ou da expansão das doenças sexualmente transmissíveis (agora aí incluída a Sida/Aids) até condições como impotência ou anorgasmia.

Os anos desta década que termina presenciaram um movimento crescente no sentido de identificar e qualificar os programas de treinamento em sexologia nos mais diferentes países, em grande parte como uma reação direta ao crescimento da preocupação social com as mudanças bruscas que resultaram da liberação de costumes. Neste último pulo a Federação das Sociedades Latino Americanas de Sexologia e Educação Sexual, seguindo os passos da Federação das Sociedades Europeias e das grandes Sociedades dos Estados Unidos, instituiu uma comissão internacional para apontar os critérios de reconhecimento de cursos e especialis-

tas. O resultado do trabalho dessa comissão deve ser apresentado em 1994, e pode-se antever que, como na Europa e Estados Unidos, dar-se-á especial destaque à Pós-graduação universitária específica, representada no nível mais alto pelos cursos como aquele que ora se propõe.

2. Os vínculos acadêmicos dos Programas de Sexologia

Tanto ao nível da graduação como da Pós-graduação, os diferentes cursos de Sexologia oferecidos pelas Universidades no mundo ocidental tem variado quanto às vinculações acadêmicas. Numa análise global, a maior parte desses programas está ligada às escolas de medicina e saúde, oferecendo desde cadeiras isoladas até graus específicos de mestrado e doutorado em sexologia. Muitos cursos importantes no cenário internacional, contudo, aparecem ligados a departamentos de psicologia, serviço social, educação e antropologia. Segundo recente publicação da Sociedade Alemã de Sexologia, os cursos existentes nas cidades de Hamburgo, Frankfurt, Kiel, e Hatmover ligam-se a escolas médicas, enquanto o de Bremen vincula-se à sociologia e o de Koblenz-Landau à educação (Haeberle & Gindorf, 1992).

Outros dados norte-americanos e europeus apontam na mesma direção. Dentre as grandes Universidades dos Estados Unidos, há cursos de Pós-graduação na área da sexualidade humana (a nível de Mestrado ou Doutorado) vinculados às escolas de enfermagem e saúde pública (New York University e University of Minnesota, por exemplo) ou a escolas de serviço social (University of Hawaii). Outros cursos ligados a programas acadêmicos tradicionais estão em departamentos de educação (University of Pennsylvania) ou em departamentos de psicologia (San Francisco State University). Mas também há nos Estados Unidos, muitos programas de sexologia nos departamentos de medicina, em especial nos de psiquiatria (Cornell University; New York Medical College e University of California at San Francisco). Uma parte crescente das instituições universitárias européias e americanas, contudo, tem optado pela criação de departamentos e institutos independentes capazes de abranger com maior flexibilidade a interdisciplinaridade típica da sexologia.

Departamentos independentes tem sido propostos desde 1972, no início a partir das faculdades de medicina, conjugando especialidades (Molinari, 1976). Mais recentemente as idéias parecem convergir para os “institutos de sexologia”, tal como foi em 1943 o Institute for Sex Research, fundado por Alfred Kinsey na Universidade de Indiana. Com esse enfoque, surgiram núcleos de estudos graduados em várias instituições acadêmicas tradicionais, como na Universidade Católica de Leuven, Bélgica, onde o Instituto de Ciências Familiares e Sexológicas oferece graus de Mestrado e Doutorado específicos em Estudos Familiares e

Sexuais. Nos Estados Unidos, departamentos ou institutos específicos atuam na Universidade de Indiana, na Universidade da Califórnia em Los Angeles, na Universidade de Loyola e na Universidade de Minneapolis, por exemplo. No entanto, mais contundente ainda tem sido o esforço da Universidade de Quebec em Montreal, Canadá, que propôs a criação de um programa de graduação específico, levando ao Bacharelado em Sexologia com continuidade para a pós-graduação (Branco, 1990).

Fundamentando essa idéia da *multidisciplinariade independente*, três professores da Universidade de Quebec em Montreal, Robert Gemine, Jean-Marc Samson e Nicole Payment (Gemme, Samson e Payment, 1990) realizaram um levantamento de títulos referentes a sexologia em 2262 periódicos, encontrando referências diretas a sexologia ou sexualidade humana em 582. Dentre estes últimos 40,3% (234) se referiam à área biomédica (envolvendo, entre outras disciplinas, epidemiologia, psiquiatria, cardiologia, ginecologia e urologia) e 59,7% se referiam às ciências sociais (envolvendo, entre outras, psicologia, educação, filosofia, antropologia, economia e negócios). A intenção dos autores era evidenciar o equilíbrio relativo da produção do saber sobre a sexualidade entre ciências sociais e biomédicas e atesta bem a conveniência (ou até necessidade) de caracterizar a independência (e a interdependência) da sexologia como campo de estudos, servindo como fundamento para a idéia de *autonomia* dos estudos sobre sexo.

Em relação à América Latina, há programas de sexologia em atividade na Colômbia (Departamento de Psicologia da Universidade del Valle), na Argentina (na Faculdade de Medicina e na Escola de Saúde Pública da Universidade de Buenos Aires) assim como no Uruguai (Universidade Católica do Uruguai), Já na Venezuela, um programa de Mestrado em Sexologia Médica está sendo mantido desde 1983 e na República Dominicana o Instituto APEC de Educação Sexual desenvolve um programa de Mestrado em Sexualidade Humana para médicos, psicólogos e profissionais de enfermagem (Haeberle & Gindorf, 1992).

Vale lembrar também que o último Congresso Latinoamericano de Sexologia e Educação Sexual instituiu uma comissão de especialistas para avaliar e credenciar os muitos cursos de sexologia que se iniciam a cada ano na América Latina, nem sempre com os padrões de qualidade e seriedade que seriam desejados.

3. A educação acadêmica em Sexologia no Brasil

Considerando a realidade brasileira, até 1986 não havia entre nós nenhuma pós-graduação universitária oficial em sexologia. As menções aos temas da sexologia limitavam-se às inclusões específicas em diferentes

disciplinas, cujo foco de interesse e de análise se concentravam de acordo com o curso, desde a mais objetiva “reprodução humana” ou “contracepção e planejamento familiar”, temas comuns nas escolas médicas até “psicanálise”, “psicologia do desenvolvimento”, ou mesmo “psicopatologia sexual”, nos cursos de psicologia e psiquiatria.

A partir de 1986, a Universidade Gama Filho, que já havia sido pioneira na inclusão da disciplina de sexologia como matéria eletiva do curso de psicologia, instituiu um programa de Pós-graduação “*Lato Sensu*” em Sexualidade Humana (Silva, 1986). Desde então e até hoje esse programa tem funcionado ininterruptamente, resultando na produção de inúmeras pesquisas, publicações e apresentações em congressos, como listaremos adiante neste Projeto. Ao longo desse período, podemos dizer, com inconsciente orgulho, que o Curso de Pós-graduação em Sexualidade Humana da Universidade Gama Filho conquistou reconhecimento internacional, figurando nas publicações atuais de diferentes países como um dos Cursos de Pós-graduação relevantes no mundo (Branco, 1990; Andrade, 1992; Haebcrle & Gindorf, 1992).

O sucesso dessa iniciativa da Universidade Gama Filho, associado à necessidade de qualificar profissionais de outras regiões do país, carentes de uma melhor formação profissional nessa área, fez com que em 1989 nascesse um segundo programa de Pós-graduação, também “*lato sensu*”, na Faculdade Tuiuti, em Curitiba, como um desenvolvimento do programa inicial da UGF (Silva, 1992). Embora sem vínculos administrativos entre as instituições, o programa de Curitiba envolvia e envolve ainda os mesmos professores da UGF e a mesma idéia de treinamento. Também esse curso de Pós-graduação “*latu sensu*” tem funcionado de modo ininterrupto desde 1989 até hoje.

Mais recentemente, as várias instituições brasileiras que se fizeram presentes ao VI Congresso Latino-Americano de Sexologia e Educação Sexual apresentaram os seus cursos ligados ao treinamento teórico-profissional em sexologia. Tal foi a multiplicação dos cursos, que um Relatório Especial sobre os programas de qualificação em Sexologia foi elaborado durante o Congresso.

Recentemente, cursos curriculares ou de extensão universitária foram instituídos pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Universidade Federal de Uberlândia, Escola de Medicina da Santa Casa de Misericórdia de S. Paulo, Fundação Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, Faculdade de Educação da UNICAMP, Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Católica de Goiás, Faculdade de Medicina e Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia e Departamento de Ginecologia da Universidade Federal do Paraná, entre outras (Andrade, 1992).

Note-se que entre nós, como na Europa e Estados Unidos, predominam os programas de sexologia vinculados, pela ordem, aos cursos de ciências médicas, de psicologia e de educação.

No entanto, apenas três instituições acadêmicas nacionais vão além dos níveis de extensão e oferecem graus de especialização, a partir de cursos de Pós-graduação *latu sensu*. São elas: a Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro; a Faculdade Tuiuti, em Curitiba e o CEUB - Centro de Ensino Unificado de Brasília (Andrade, 1992).

Nenhum programa de Pós-Graduação “*stricto sensu*”, como o presente Mestrado em Sexologia foi ainda lançado em nosso país, e caberia, por necessário, que se perguntasse qual a qualificação docente dos professores que ministram essa disciplina nas instituições que se apontaram como tendo programas específicos na área. A resposta nos leva, com certeza, às pós-graduações em áreas correlatas e, muito mais raramente, aos programas de pós-graduação acadêmica no exterior.

Dessa forma, tomando o estado atual da sexologia como área do saber e a experiência que se acumulou nos seis pulos de vida da Pós-graduação “*latu sensu*”, concluímos pela necessidade e conveniência de um programa de Mestrado específico.

Este será um Mestrado interdisciplina por natureza, como aliás está previsto no Artigo 2º, parágrafo 3º da Resolução nº 5 do Conselho Federal de Educação. Um Mestrado fecundado pela experiência já consagrada no espaço da Psicologia brasileira desde 1986 e que, mantendo o pioneirismo, continuará projetando a Universidade Gama Filho no cenário da sexologia internacional. Um Mestrado capaz de tornar concreto o ideal da interdisciplinaridade, e que certamente assegurará um alto padrão de treinamento aos profissionais por ele qualificados, não só no aspecto da prática clínica, médica ou psicológica, mas também na habilitação de educadores e multiplicadores do saber.

4. O Curso Proposto: articulação entre ensino, assistência e pesquisa

Passamos a ter, dessa forma, dois níveis de qualificação na área da Sexologia: a Pós-Graduação *Latu Sensu* e a Pós-Graduação *Stricto Sensu* (a nível de Mestrado).

Os Cursos Pós-Graduação *latu sensu* em Sexualidade Humana e de Mestrado em Sexologia foram concebidos de modo harmônico e continuado, buscando atender às necessidades de cada estudante e o nível de aprofundamento que mais se ajuste aos projetos pessoais de cada um.

A Pós-Graduação *latu sensu* fornece uma visão ampla e geral da sexualidade e permite um nivelamento entre os profissionais de diferentes origens, em busca de um enfoque comum e abrangente do fenômeno sexual. Por isso disciplinas como História Crítica da Sexualidade; Sexologia Comparada, Psicologia da Sexualidade e Medicina Sexual fazem parte desse corpo de estudos, que inclui também uma visão básica das disciplinas profissionais, como Educação Sexual e Terapia Sexual. A estas matérias se acrescentam Didática (uma vez que a qualificação para o ensino universitário começa neste nível) e Metodologia (como base para a redação da Monografia).

Ao final do Curso, a Pós-Graduação *lato sensu* conduz ao grau de Especialização em Sexualidade Humana.

ensino e pesquisa. Por isso ele começa com o Curso de Pós-Graduação *lato sensu*, que passa a ser o Curso Básico do Mestrado. Após esse nivelamento inicial, o mestrando terá um Curso *Avançado*, em que se busca o aprofundamento do saber em duas áreas: Sexologia Educacional e Sexologia Clínica.

Nesta fase, ao longo do Curso *Avançado*, o mestrando terá escolhido um Professor Orientador e trabalhará sob supervisão direta dele todo o tempo. Além de algumas poucas matérias obrigatórias, a escolha da maior parte das disciplinas será feita em conjunto com o Orientador, tendo em vista o tipo de trabalho a que o mestrando se dirige e a preparação da Dissertação de Mestrado.

Estrutura dos Cursos:

A. Pós-Graduação em Sexualidade Humana e Curso Básico do Mestrado

Código	Disciplina	Créditos	Carga Horária
SEX 101	História Crítica da Sexualidade	2	90
SEX 102	Psicologia da Sexualidade	2	90
SEX 103	Medicina Sexual	2	90
SEX 104	Sexologia Comparada	2	90
SEX 105	Educação Sexual e Sexologia do Desenvolvimento	2	90
SEX 106	Terapia Sexual	2	90
SEX 107	Metodologia de Pesquisa	2	90
SEX 108	Didática do Ensino Superior	1	45
	Total	15	675

B. Curso Avançado do Mestrado em Sexologia

Disciplinas obrigatórias de núcleo comum:

Código	Disciplina	Créditos	Carga Horária
SEX 201	Seminários de Dissertação	3	135
SEX 202	Testes de Hipóteses e Teoria da Decisão	2	90

B.1. Créditos obrigatórios da área de concentração em Sexologia Educacional

Código	Disciplina	Créditos	Carga Horária
SEX 301	Educação Sexual e Desenvolvimento de Projetos	2	90

B.2. Créditos obrigatórios da área de concentração em Sexologia Clínica

Código	Disciplina	Créditos	Carga Horária
SEX 302	Conflitos Interpessoais e Sexologia do Casal	2	90

B.3. Disciplinas eletivas do Curso Avançado (Sex. Educacional e Sex. Clínica)

Código	Disciplina	Créditos	Carga Horária
SEX 301	Educação Sexual e Desenvolvimento de Projetos	2	90
SEX 302	Conflitos Interpessoais e Sexologia do Casal	2	90
SEX 303	Tecnologias de Ensino	2	90
SEX 304	Prática Educacional	2	90
SEX 305	Sexologia Psicossomática	2	90
SEX 306	Técnicas de Exame e Diagnóstico em Sexologia	2	90
SEX 307	Prática de Atendimento em Ambulatório	2	90
SEX 308	Redação e Comunicação do Trabalho Científico	2	90

4.1. A Área de Concentração em Sexologia Educacional

Embora o desafio da educação sexual possa ser sentido em todos os centros urbanos, com reflexos rápidos e intensos para cidades menores, nenhum programa de capacitação docente a nível de Pós-Graduação *Stricto Sensu* existe ainda em nosso país.

Apesar disso, os projetos oficiais de implantação dessa disciplina (ou de atividades a ela relacionadas) tem se multiplicado. Discute-se a viabilidade de uma disciplina nas escolas de primeiro e segundo graus. No estando de São Paulo, a Prefeitura da Capital desenvolveu um projeto ambicioso visando alcançar a rede de escolas oficiais. Também em Campinas, outro projeto educacional tem o apoio da Prefeitura Municipal e da Faculdade de Educação da UNICAMP. No Rio de Janeiro, a Secretaria de Estado de Educação tem seminários sobre educação sexual programados para os municípios de Niterói, Campos e Resende. No Município do Rio de Janeiro, inúmeros Congressos tem levantado a questão e o desafio que ela representa.

A questão maior, sem dúvida, é a ausência de um corpo docente preparado (e mesmo da definição do que deveria ser esse preparo). No entanto, o que não deixa dúvidas é que, ainda que se ignore o apelo erótico crescente na sociedade, outros temas críticos como a proliferação das adolescentes grávidas ou a disseminação de doenças sexualmente transmissíveis (agora aí incluída a AIDS) não podem ser evitados. A forma ideal com que se deve tomar a educação sexual é um tema que exige pesquisas e o desenvolvimento de uma metodologia própria para as condições sócio-econômicas da comunidade-alvo.

Mais do que um docente padrão, o educador sexual deve ser concebido como um profissional que atua no trinômio informação-formação-prevenção. Por isso mesmo, os estudos e pesquisas em Sexologia Educacional terão ênfase no desenvolvimento de métodos e processos educativos adaptados para a realidade brasileira, abordando temas gerais de educação sexual, contracepção e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

4.2. A Área de Contracepção em Sexologia Clínica

Restrita a médicos e psicólogos (pela lei brasileira, os únicos habilitados para o exercício da clínica), a área da Concentração em Sexologia Clínica tem seu foco de interesse voltado para o diagnóstico e a metodologia de tratamento das disfunções e desvios da sexualidade.

Esta área tem sido um dos focos mais importantes de atenção ao longo dos seis anos de existência da Pós-Graduação *Latu Sensu*, e a multiplicidade de temas com abordagens psicológicas e médicas pode ser bem sentida numa análise dos títulos das Monografias de Pós-Graduação produzidas ao longo da vida do Curso, listadas adiante neste Projeto.

No último ano, enquanto ainda se estruturava a idéia de um Mostrado em Sexologia, iniciou-se a Seção de Sexologia, da Divisão de Reprodução Humana do Instituto de Ginecologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esta Seção que opera em forma de Ambulatório, por acordo institucional é mantida pela Pós-Graduação em Sexualidade Humana da Universidade Gama Filho (Anexo 4). A multidisciplinaridade, neste ponto representada pela tradição do Departamento de Psicologia da Universidade Gama Filho e pela experiência clínica e acadêmica Instituto de Ginecologia da UFRJ, que mantém, entre outros, Programas de Mostrado e Doutorado em Ginecologia.

Ao longo deste ano os alunos do curso, psicólogos, e médicos, trabalhando juntos tem levado a idéia da interdisciplinaridade ao nível prático, e produziram um artigo e três seminários, além de oferecer assistência a mais de uma centena de pacientes.

Por tudo isso, as pesquisas e estudos na Área de Concentração em Sexologia Clínica devem voltar-se para o desenvolvimento de metodologias diagnósticas e assistenciais mais efetivas nas condições brasileiras, e capazes de responder a diferentes abordagens terapêuticas.

5. Corpo Docente

O Corpo Docente do Mestrado em Sexologia será composto inicialmente por 8 (oito) professores, sendo que dentre estes, 7 (sete) têm grau de Doutor ou equivalente e 1 (um) está em processo de conclusão do Doutorado. Todos os professores terão regime contratual específico como Dedicação Integral (40 horas); Dedicação Parcial (20 horas) ou Professor Colaborador (10 horas).

A atribuição de regime de Dedicação Integral; Dedicação Parcial atenderá as necessidades do Curso e ao mesmo tempo à avaliação de desempenho pelo Sistema de Acompanhamento da Produção Científica.

A princípio, durante o primeiro ano de funcionamento, quando apenas 12 dos 24 alunos previstos estarão cursando Mestrado, três professores terão regime de Dedicação Integral, outros três terão regime de Dedicação Parcial e os dois últimos atuarão como Professores Colaboradores, perfazendo um total de 200 horas semanais de disponibilidade docente.

Para o segundo ano de funcionamento do Curso, com toda a estrutura já em pleno funcionamento, a carga horária total de professores será elevada de 200 horas para 240 horas semanais.

A este Copo Permanente de Professores há ainda que acrescentar os Professores Visitantes, convidados para ministrar Cadeiras ou Cursos específicos, e que darão ao Mestrado a vitalidade que um Projeto como esse exige.

Resta agora lutar para que a realidade se torne tão encantadora quanto o Projeto, e que possamos consolidar, dentro do espaço acadêmico (com todas as qualificações e titulações de direito) o mesmo ideal de interdisciplinaridade que guiou a sexologia brasileira desde o sonho dos fundadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, R. P. *Formação em sexologia e educação sexual no Brasil*. Relatório apresentado ao VI CLASES - Congresso Latino-Americano de Sexologia e Educação Sexual, Belo Horizonte, 1992.
2. BIANCO, F. J. *Post-graduate training program in sexology -Results of the first world meeting of directors and coordinators of post-graduate training in sexology* - in F. J. Bianco, e R. H. Serrano (Eds.) - Sexology as an Independent Field Proceedings of the IX World Congress of Sexology, Amsterdam: Excerpta Medica -Elsevier Science Publishers, 1990.
3. GEMME, R.; SAMSON J-M AND PAYMENT, N. *Sexuality in scientific and professional periodicals in 1987* - in F. J. Bianco, e R. H. Senano (Eds) Sexology as an Independent Field - Proceedings of the IX World Congress of Sexology. Amsterdam: Excerpta Medica - Elsevier Science Publishers, 1990.
4. HAEBERLE, E. J. e GINDORF, R. *Sexology today - A brief introduction*. Dusseldorf. Deutsche Gesellschaft für Sozialwissenschaftliche Sexual forschung, 1992.
5. MOLINARI, R. *L'enseignement de la sexologie a la faculté de médecine* - in Birouste, J. P. e J-P. Mautineau - Psychologie et sexualité - Coloque Internationale de Sexologie Toulouse, 1975; Toulouse: Edouard Privat, 1976.
6. SILVA, A. C. S. *A Post-Graduate Course in Human Sexuality for Education and Health Professionals*. Projeto de Doutorado em Educação, apresentado ao Instituto for Advanced Study of Human Sexuality, San Francisco, 1992.
7. SILVA, M. C. A. *Curso de Especialização em Sexualidade Humana e Nível de Pós-Graduação*. Projeto apresentado à Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1986.